

Saúde e demografia indígena: Uma análise no âmbito do Serviço de Proteção aos Índios (1947-1967)

CAROLINA AROUCA GOMES DE BRITO¹

O objetivo deste trabalho está em localizar o SPI no bojo das discussões presentes na década de 1940 acerca da questão indígena no Brasil, posto que ao verificar o grave problema da redução demográfica dessas populações, este órgão, acompanhando a tendência de outras agências de saúde do país, incorpora a seu quadro de funcionários antropólogos e etnólogos com o objetivo de unir esforços na promoção de medidas sanitárias que pudessem garantir melhores condições de vida aos grupos indígenas sob a salvaguarda deste Serviço. Diante desse processo de incorporação de profissionais das Ciências Sociais ao SPI, no período em questão, destaco a experiência de Darcy Ribeiro enquanto etnólogo e chefe da Seção de Estudos desse órgão, para a conformação dos saberes médicos e antropológicos em prol da assistência sanitária indígena.

Os estudos sociais no Brasil das décadas de 1940 a 1960 passaram por importantes transformações. Autores propõem uma visão mais abrangente do país, preocupando-se com a sociedade brasileira como um todo (MELATTI, 1984). Segundo Melatti destaca-se neste período uma tendência para os estudos de Mudança Social ou Aculturação, que apesar de iniciado ainda na década de 1930, toma forma nas décadas seguintes. Os estudos acerca da aculturação contemplavam “negros, grupos indígenas, imigrantes e ainda a população de áreas de povoamento antigo e economicamente estagnadas” (MELATTI, p.11, 1984), contudo há uma maior profusão de trabalhos acerca dos grupos indígenas, principalmente a partir da década de 1940, quando surgem as primeiras pesquisas de caráter científico sobre os indígenas no Brasil, como os trabalhos de Hebert Baldus, Emilio Willems, Tavares de Almeida entre outros. (MELATTI, p.12, 1984).

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz / Fiocruz. Agência financiadora da pesquisa: Fiocruz

È, porém, entre as décadas de 1950 e 1960, que segundo Melatti, a etnografia começa a passar, no Brasil, por significativas modificações. A preocupação da etnografia na interpretação do país é tema de cursos com o objetivo de formação de profissionais qualificados para as pesquisas de cunho sociais. O autor segue apontando alguns importantes cursos desenvolvidos nesse período, como o “Curso de Aperfeiçoamento em Antropologia Cultural, ministrado por Darcy Ribeiro no Museu do Índio, o “Curso de Formação de Pesquisadores Sociais”, criado e ministrado também por Darcy Ribeiro, apoiado por Roberto Cardoso de Oliveira, entre outros. A partir desses cursos, e dos posteriores cursos de Pós-Graduação, como o de Antropologia Social do Museu Nacional, inicia-se no país um processo de institucionalização e valorização da antropologia social e cultural.

Acompanhando esse período de intensas transformações nas ciências Sociais, pode-se verificar a partir das análises de autores que tomam o SPI como objeto de estudo, uma nova orientação desse órgão a partir da década de 1940, notadamente após a criação em 1942 da Seção de Estudos do SPI (S.E.)², que impeliu ao órgão uma orientação científica que pressupunha o registro cinematográfico e documental das sociedades indígenas, além de um estudo etnológico desses grupos (Figueiredo, 2009; Oliveira, 2008; Lima, 1995; Oliveira, 1978), Como disposto em seu regulamento:

“documentar, através de pesquisas etnológicas e lingüísticas, de registros cinematográficos e sonográficos, todos os aspectos das culturas indígenas, orientando suas atividades de modo a proporcionar diretrizes científicas à ação assistencial do SPI” (M.I, regimento do SPI, art. 8º, alínea h.)

Apesar da criação em 1942, “foi somente no ano de 1947³ que esta Seção fez a contratação de seus primeiros técnicos, o lingüista Max Boudin e o etnólogo Darcy Ribeiro” (Figueiredo, 2009), impelindo a essa seção uma nova orientação científica que valorizava os estudos etnológicos.

² Entre as realizações da seção de Estudos, destaca-se a criação do Museu do Índio em 1953, tendo como primeiras peças, fotografias e filmagens, os arquivos desta Seção.

³ Neste ano a Seção de Estudos era chefiada por Herbert Serpa.

Deste modo Darcy Ribeiro passa a realizar inúmeros trabalhos de cunho etnológico acerca das populações assistidas por esse Serviço. Enquanto autor e também *ator* do processo de reconhecimento do indígena brasileiro, Darcy Ribeiro nos oferece importantes referências sobre essas populações e suas relações com a política e a sociedade brasileira do período, sobretudo no que tange à criação e ao funcionamento do Serviço de Proteção aos Índios. A contribuição de Darcy Ribeiro enquanto funcionário do SPI ultrapassa os limites institucionais e passam a representar uma importante análise acerca dos grupos indígenas do país, especialmente no que tange a questão da queda demográfica, denunciada por ele em artigos e documentos oficiais deste Órgão.

No artigo de *Sociologia* de 1951, Darcy Ribeiro faz uma espécie de “balanço de atividades” da Seção de Estudos do SPI. O texto aborda as viagens da equipe da S.E. às tribos indígenas assistidas pelo SPI, especialmente as expedições ao norte do país. As temáticas exploradas por Darcy nesse artigo abordam questões como: a cultura material dos povos visitados, as variações lingüísticas, as estruturas familiares e sociais dos grupos indígenas e também as condições sanitárias encontradas nas tribos.

Sobre a questão sanitária, Darcy aponta a calamitosa situação enfrentada por um grupo indígena da região do Rio Gurupi na divisa entre Pará e Maranhão na década de 1940. Sua análise aponta que devido às más condições de vida, de alimentação e, sobretudo das epidemias, a população indígena do Gurupi apresenta um alarmante decréscimo populacional, como destaca Darcy:

“Das 26 aldeias que existiam em 1910 quando o SPI começou a trabalhar no Gurupi, restavam 14 em 1920, 11 em 1930 e hoje sobraram apenas 3, com 20 pessoas cada uma” (Ribeiro, p.373, 1951)

Ainda neste artigo, Darcy Ribeiro descreve as dificuldades enfrentadas pela equipe da S.E. em suas expedições, principalmente devido as epidemias que assolavam tribos inteiras. O autor apresenta uma narrativa acerca da epidemia de sarampo que atingira os índios Urubús no fim da década de 1940:

“No posto indígena uma notícia terrível nos espera: mal desembarcamos, nos dizem que uma nova epidemia de sarampo ataca os índios e que aterrorizados diante da doença, eles abandonam as aldeias, cuidando que longe das casas, escondidos no recesso da mata, a peste não os atingiria; mas levando consigo, mata a dentro, de aldeia em aldeia, o vírus mortífero” (Ribeiro, p.374, 1951).

E segue apresentando as medidas tomadas pela equipe da S.E. na tentativa de auxiliar os índios infectados, já que segundo Darcy, a Diretoria do SPI pouco poderia fazer para socorrê-los devido à “enorme distância dos centros civilizados mais próximos de onde poderiam partir os recursos necessários para assisti-los”. Nesse trecho, pode-se depreender da fala de Darcy Ribeiro, que além da distância territorial outro problema dificultava a assistência médica aos índios infectados, a desestruturação de um Serviço Médico-Sanitário do SPI, voltado para as populações indígenas sob a salvaguarda deste Serviço.

Sobre essa questão, encontra-se nos arquivos do SPI alocados no Museu do Índio do Rio de Janeiro um documento intitulado “Serviço Médico sanitário do Serviço de Proteção aos Índios”⁴, escrito pelo então chefe da Seção de Estudos, Herbert Serpa no ano de 1947.

O documento referido trata-se de um esboço para a criação de um Serviço médico-sanitário do SPI, com o objetivo de estruturar a assistência médica aos indígenas sob a salvaguarda deste Órgão.

Herbert Serpa inicia o documento afirmando que este representaria a primeira iniciativa de estruturação de um serviço Médico para o SPI desde sua criação no ano de 1910. E segue apontando algumas características necessárias para o êxito desse Serviço Médico do SPI. Entre os objetivos que deveriam ser alcançados por este empreendimento médico-sanitário, estaria a urgência de uma assistência voltada para as necessidades indígenas, que se faria possível através do interesse em conhecer e

⁴ Plano do Serviço Médico para 1947, Filme 1ª, fotogramas 4207 a 4224, Museu do Índio (FUNAI), Fundo SPI.

reconhecer as especificidades sanitárias das populações indígenas, bem como a preparação dos profissionais que atuariam juntos às tribos.

Quanto à organização do Serviço Médico Sanitário, destaca-se a localização da sede, no Rio de Janeiro, sede também do SPI. Para Hebert Serpa, a proximidade entre as chefias ajudaria na comunicação e na administração. No Rio de Janeiro ficaria a superintendência do serviço, sob responsabilidade de um *médico chefe geral*. E Cada inspetoria regional⁵ teria como responsável um médico chefe regional, além de um corpo técnico auxiliar, que contaria com enfermeiros homens e mulheres “de acordo com a necessidade do posto”.

È preciso destacar, que não há referências documentais acerca da efetivação ou atuação desse Serviço Médico Sanitário, esboçado por Herbert Serpa no referido documento, porém o que motiva a análise do mesmo refere-se à dimensão prática relacionada à saúde indígena desenvolvida e/ou problematizada no interior da Seção de Estudos do SPI, Seção essa que preconizava o conhecimento científico das populações indígenas. Deste modo pode-se considerar esse documento uma pista interessante da vinculação entre ciência e prática ou antropologia e medicina nos anos 40 e 50 no SPI.

A vinculação entre saberes antropológicos e médicos no SPI neste período pode ser observada especialmente na fala de Darcy Ribeiro que entendia que os “estudos etnográficos poderiam contribuir para o aprimoramento dos métodos assistenciais do SPI” (Mattos, p.132, 2007). Neste intento, Darcy Ribeiro cria o primeiro Curso de Aperfeiçoamento em Antropologia Cultural (CAAC), em 1954, ministrado no Museu do Índio com a colaboração Campanha Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). André Luis Mattos afirma que: “*o acordo com a CAPES visava, assim, à criação de um curso, ainda em caráter experimental, capaz de reforçar a aliança da pesquisa científica com sua “aplicação prática”, na tentativa de contribuir para o tratamento de problemas sócio-culturais*” (Mattos, p.124, 2007)

Ainda na década de 1950, Darcy Ribeiro escreve um dos artigos mais emblemáticos sobre a questão indígena no Brasil, publicado em 1956 e como capítulo

⁵ As inspetorias a que o texto se refere são: IR2- Belém, IR3- São Luiz do Maranhão, IR4-Recife, IR5- Campo Grande, IR6-Cuiabá, IR7-Curitiba, IR8-Goiânia, IR9-Porto Velho.

do livro “Os índios e a Civilização e em 1970, sob o título “Convívio e contaminação”. Nesse artigo Darcy Ribeiro apresenta diversos fatores que estariam levando a uma crescente “depopulação” de grupos inteiros de índios do Brasil. Uma constante no texto do antropólogo refere-se ao efeito nocivo da aculturação dos indígenas, chegando mesmo a afirmar que as tribos que se encontravam em melhores condições de vida seriam àquelas que menos se aproximaram dos “civilizados”.

O texto de Darcy Ribeiro tem por base a questão sanitária das populações indígenas assistidas pelo SPI, porém sua análise ultrapassa as questões vinculadas a uma possível fragilidade biológica dessas populações e lança mão de questões caras a antropologia como, por exemplo, a questão cultural e familiar concernente a cada tribo específica. Ou seja, para Darcy Ribeiro, além das moléstias trazidas pelos civilizados as novas formas de organização social e econômica, muitas vezes impostas a tribos, provocariam a desestruturação das mesmas, podendo mesmo levá-los a extinção. Importante destacar que os estudos de Darcy Ribeiro não se limitavam a constatações de epidemias ou a produção de dados estatísticos acerca das populações indígenas visitadas, sua preocupação estava em compreender os efeitos que a crescente queda demográfica provocaria nesses grupos. O autor destaca que os efeitos dissociativos da depopulação podem ser verificados mesmo depois de passadas a as primeiras epidemias que a ocasionaram, tão profundas são as transformações que provoca, como alterações na distribuição e nas inter-relações dos vários grupos locais, nos sistema familiar, no casamento, enfim de todas as instituições tribais(Ribeiro, p.310, 1970).

Darcy Ribeiro cita ao longo do artigo alguns exemplos de tribos desestruturadas por conta da diminuição de sua população. Como o caso dos *Kaingáng* paulistas, que devido à enorme mortalidade provocada pelas epidemias, alguns indivíduos se viram impossibilitados de obter cônjuges, ocasionando a prática do incesto, o que feria a estrutura familiar e simbólica da tribo e também as determinações morais da equipe do SPI, que procurou manter severa vigilância sobre os índios, como determinara Dr. Horta Barbosa, chefe do Posto onde viviam os *Kaingáng*. Outras questões referentes aos problemas ocasionados pela queda demográfica são apresentadas pelo autor, como os prejuízos relativos à prática da agricultura, ou quaisquer formas de economia de

subsistência, o que segundo Darcy Ribeiro ampliava nos índios o sentimento de dependência em relação ao SPI.

Diante deste quadro calamitoso enfrentado pelas populações indígenas, as conclusões de Darcy Ribeiro se apresentavam de forma fatalista. O autor faz previsões de uma redução progressiva da população indígena, à medida que estas passem da condição de isolamento para a condição de integrados, aponta também a progressiva modificação das línguas e da estrutura cultural indígenas e afirma ainda que a sobrevivência nas tribos “somente se fará possível através de um esforço de assimilação como etnias minoritárias dentro de um novo contexto étnico nacional multiétnico, mais capacitado a assegurar liberdade e bem estar a seus componentes” (Ribeiro, p.445/446, 1970)

As fontes analisadas para a composição da análise de Darcy Ribeiro exposta em “Os índios e a Civilização” (1970), são diversas e divididas por ele entre fontes teóricas, ensaios temáticos, monografia e estudos etnológicos, levantamentos regionais e estudos de indigenistas, estes dois últimos em sua maioria advindos de expedições patrocinadas ou vinculadas ao SPI. Como o inquérito promovido pelo SPI sobre o estado de nutrição entre os Xavantes realizado pelo Médico Sanitarista, vinculado a Prefeitura do Distrito Federal, Amaury Sadock no ano de 1945:

“De fato a civilização com todos os seus problemas alimentares de colheita, transporte, estocagem, preparo e etc., faz com que haja diminuição do valor nutritivo do alimento, ocasionando uma série de doenças por carência (...) Vamos portanto, apelar junto as autoridades encarregadas da Proteção ao Índio, para que não introduzam no meio aborígene este mal da civilização: o uso abusivo das balas, doces, etc. a fim de que não se repita aqui o que tem sucedido com todas as outras tribos de hábitos primitivos, onde a alimentação dos civilizados foi introduzida com o aumento crescente de cáries dentárias e deficiências nutricionais (...) Estas são as conclusões que chegamos de acordo com a opinião do Dr. Newton Braga de Oliveira, médico e nutrólogo da Prefeitura do Distrito Federal” (M.I, 1945).

Ou ainda o relatório do médico Leão da Mota no ano de 1955, também sobre os Xavantes:

“Mais de uma vez tivemos a dolorosa oportunidade de verificar a tribo indígena sendo dizimada pela nossa civilização com as armas mais ofensivas e de maior poder de destruição para ela – vírus e bacilos, acompanhados do aliado natural, a fome. O índio Xavante está em fase de economia de coleta e não possui armazenamento em proporções satisfatórias de artigos de consumo alimentar. A atividade muscular que a coleta exige (...) fica interrompida desde que os indivíduos são atingidos por processos infecciosos, como é natural. Qualquer epidemia, mesmo a de simples gripe, (...) assume caráter catastrófico pela impossibilidade de atingir os alimentos para si e os seus. A sub-alimentação diminui a resistência orgânica para a luta contra os germes” (M.I, 1955).

Deste modo pode-se depreender tanto dos argumentos de Darcy Ribeiro, expostos nesse texto e dos trechos do inquérito e do relatório acima, que a situação dos indígenas sob a salvaguarda do SPI (1910-1967), foi ao longo do tempo pontuada por inúmeras crises e problemas de ordem estrutural e sanitários. No entanto, este trabalho tem por objetivo problematizar o período em que Darcy Ribeiro esteve atuando junto ao SPI como antropólogo, de modo a perceber uma orientação antropológica neste Serviço, voltada para a estruturação de medidas que garantissem melhorias as condições de vida desses grupos indígenas. Segundo Darcy Ribeiro, o reconhecimento de que uma base sólida do conhecimento científico poderia nos encaminhar à solução do problema indígena, daí a importância dos estudos antropológicos e etnológicos desenvolvidos no âmbito do Serviço de Proteção aos Índios.

Bibliografia:

- FIGUEREDO, Regina Érika Domingos. Histórias de uma antropologia da Boa Vizinhança: Um estudo sobre o papel dos antropólogos nos programas de assistência técnica e saúde no Brasil e no México (1942-1960). Tese de Doutorado, Campinas: Unicamp, 2009.
- LIMA, Antonio Carlos de Souza. Um grande cerco de paz – Poder tutelar, indianidade e formação do estado no Brasil. Rio de Janeiro: Vozes, 1995
- LIMA, Nísia Trindade e HOCHMAN, Gilberto: “Pouca saúde e muita saúva”: sanitarismo, interpretações do país e ciências sociais. In: Cuidar, Controlar, Curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe. Rio de Janeiro: Editora FOCRUZ, 2007.
- Mattos, André Luís Lopes Borges de. Darcy Ribeiro: uma trajetória (1944-1982) / André Luís Lopes Borges de Mattos. - Campinas, SP : [s. n.], 2007.
- MELATTI, Júlio Cezar. A Antropologia no Brasil: um roteiro. BIB, N.17, 1984
- OLIVEIRA, Priscila Henrique. “Vacinação grátis contra febre amarela e tuberculose. Extração de dentes grátis. Curativo e remédio grátis. Tudo por conta do Governo!!!”. Anais do XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão. ANPUH/SP-USP. São Paulo, 08 a 12 de setembro de 2008, Cd-Rom.
- RIBEIRO, Darcy. Atividades Científicas da Seção de Estudos do Serviço de Proteção aos Índios. Sociologia. Vol.XIII. N.4, 1951
- RIBEIRO, Darcy. Os Índios e a Civilização. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1970